



Antonio Hohlfeldt

# Teatro

a\_hohlfeldt@yahoo.com.br

## Theatro São Pedro fecha para continuar existindo

O documento oficial, cuja cópia digitalizada está numa parede do café da instituição, conta que um punhado de “homens bons”, expressão da época para se referir à elite social, incluindo políticos, comerciantes e industriais, convenceu o então Presidente da Província do Rio Grande do Sul a conceder um terreno para a construção de um teatro na cidade de Porto Alegre, no alto da mesma colina em que se encontrava o Palácio do Governo. Era 1833, mas a revolução eclodida dois anos depois atrapalharia o andamento daquela obra.

Foi só em 1850 que os trabalhos foram iniciados, sendo concluídos em 1858: ambas as datas se encontram registradas nas ornamentações de ferro das portas do teatro, a primeira guardada no memorial, a segunda colocada logo na entrada do prédio, para ser vista por todos os que ali chegaram.

Passaram-se 167 anos. Sempre fico pensando o que aqueles “homens bons” teriam imaginado que aconteceria com aquele prédio, quanto duraria, para o que seria usado, o que aconteceria depois deles?

No próximo dia 23 de março o Theatro São Pedro vai fechar mais uma vez as suas portas. Provisoriamente. Felizmente. Porque já houve ameaças sérias contra o prédio. Teve pelo menos uns dois presidentes de província e/ou governadores que pensaram ser mais interessante destruir o prédio e mandar fazer outro do que recuperá-lo. Felizmente, pessoas como Eva Sopher entenderam que preservar era fundamental, e graças à sensibilidade de alguns governantes, que então se conseguiu atrair para a justa causa, o Theatro São Pedro ainda está de pé, muito sólido, com uma programação dinâmica e sempre renovada.

É significativo que neste fim de semana, a começar por hoje, em que esta coluna circula, o palco do São Pedro receba um musical oriundo do centro do País a recordar o grupo Os Paralamas do Sucesso. Mas, já na semana vindoura, quando, de fato, ocorrerá o fechamento da instituição para as necessárias obras, a programação incluía um grupo musical mais popular, uma peça de teatro que discute um tema sempre sensível, que é o da prostituição e, enfim, o Theatro São Pedro lembre a pas-

sagem dos 75 anos do primeiro concerto da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, então sob a regência do maestro húngaro Pablo Koblár, que a havia idealizado, concerto este realizado no Theatro São Pedro, com um recital da pianista Simone Leitão, que vai lembrar aquele repertório.

Esta multiplicidade de atrações diz bem do porquê da fidelidade do público. Há uma variedade constante de espetáculos, tanto em gênero quanto em idades a serem atraídas, garantindo que a plateia do Theatro nunca ficará vazia.

Por outro lado, embora possamos lamentar o fechamento de suas portas, espera-se que até junho de 2026, é de se festejar que o governador Eduardo Leite, em seus dois mandatos, tenha dado ênfase tão decidida para a cultura: depois de garantir a conclusão das obras do Multipalco, que será inaugurado no dia 27, resolveu bancar com dinheiro do erário estadual as obras no Theatro São Pedro. Deste modo, a casa guarda as características do projeto original, inclusive quanto à sua acústica, que é sempre elogiada em todo o país, mas vai incorporando, a cada etapa de suas obras, tecnologia contemporânea que revitaliza o prédio e permite a ampliação de suas atividades.

As obras que agora começam cumprem, assim, dois objetivos diversos: um deles, atende às novas determinações legais emanadas de autoridades federais, a respeito de prevenção de incêndio, depois das tragédias da Boate Kiss, em Santa Maria, e do Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Isso significa uma intervenção em carpetes, pano de boca, forrações de poltronas, madeirames e tudo o mais da estrutura interna do teatro.

O outro objetivo é de cidadania. As obras vão ampliar a acessibilidade para cadeirantes, com disponibilidade de espaços para eles e seus acompanhantes na plateia; banheiros preparados para recebê-los e, sobretudo, um elevador que cobrirá os espaços entre o memorial do teatro e seu café.

Por isso, pode-se ficar triste com o fechamento da casa querida, mas deve-se ficar alegre porque tal fechamento apenas evidencia que tem muita gente se preocupando e cuidando do nosso querido teatro.



Hélio Nascimento

# Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

## Alegorias em um planeta distante

O gênero da ficção-científica, no cinema, é um dos marcos iniciais. Por permitir um uso livre da fantasia, possibilitar a criação de mundos imaginários e a criação de espaços onde predomina a imaginação, tal forma de expressão esteve presente desde os primeiros anos. Entre os mais de 500 curtas-metragens que realizou, o mágico Méliès colocou nas telas, em 1902, *A viagem à Lua*, filme marcado pela comicidade e pela sátira que raras vezes voltariam a um gênero mais tarde enriquecido por obras assinadas por cineastas que iriam contribuir para a grandeza de uma arte nascida graças ao empenho humano de imortalizar um tempo e suas imagens. O sul-coreano Bong Joon Ho, que foi laureado pela Academia de Hollywood por seu *Parasita*, que recebeu o Oscar principal para um filme não falado em inglês, adquiriu prestígio suficiente para que seu novo filme, *Mickey 17*, produzido, entre outros, por Brad Pitt, contasse com recursos suficientes para a concretização de uma obra que pudesse ser vista como um exemplar significativo de uma forma de cinema. Esperava-se muito, é claro, de um realizador que antes havia demonstrado imaginação e competência para falar de elementos ocultos, mas formadores de uma realidade. Mas a obra, de certa forma é uma decepção, inclusive pelas confusões de um roteiro, que tem o diretor como um dos autores, que não permite o domínio das imagens e quase sempre recorre à palavra para tentar explicar o que está acontecendo.

Como sempre acontece no gênero, o futuro é usado como instrumento para falar do presente, seja em formato real, seja com a utilização da fantasia. O que vemos agora é uma tentativa de criticar um processo colonizador que, em nome de uma autodeclarada superioridade, ambiciona subjugar uma forma de vida tida como inferior e, portanto, segundo normas estabelecidas, indigna de merecer qualquer forma de respeito. É quando o filme se deixa levar pela ingenuidade, permitindo que um certo maniqueísmo, tão em

moda atualmente, passe a ocupar lugar relevante na trama. É só comparar o que agora é proposto com o desenvolvimento do tema em *Alien, o oitavo passageiro*, um dos grandes filmes de Ridley Scott, para que se perceba que o tema, no filme de Bong Joon Ho, é superficialmente desenvolvido. É possível mesmo constatar que o cineasta não escapa do ridículo em alguns momentos, situações em que provavelmente fique bem claro que seu prestígio alcançado em alguns setores é um dos tantos equívocos atualmente surgidos e aceitos sem contestação. Não basta domínio sobre técnicas narrativas para que floresça algo significativo.

Porém, há um elemento que merece algum destaque. Ao mesmo tempo em que denuncia - de forma superficial, é verdade - o processo colonizador, o filme lança sua crítica a uma tendência ao poder maior que procura transformar o ser humano em cobaia, ao fazer do protagonista uma vítima de um processo destinado a transformar seres humanos em objetos descartáveis depois que réplicas são construídas, o que resulta em algo inesperado pelos donos do poder. É quando filme, produzido no ano passado, antecipa figuras que hoje ocupam o noticiário. É impossível deixar de ver na figura do chefe da nave espacial a tentativa de criticar o atual presidente americano ou seu principal assessor. Certamente, por outro lado, o diretor de *Mickey 17* teria muito a aprender vendo, ou talvez revendo, neste último caso ficando revelado que ele nada aprendeu, *Doutor fantástico*, de Stanley Kubrick. O passado será sempre uma referência. Ignorá-lo abre espaço para a mediocridade ou para demonstrações de mau gosto, aqui presentes na forma como o cineasta utiliza dois intérpretes conhecidos para viver um casal dotado de poder para exterminar o diferente e o exercendo com inegável prazer. Mas a encenação deixa muito a desejar. Alguns males contemporâneos aparecem durante a ação, mas diálogos pobres e caretas constrangedoras comprometem o resultado final.